



INDICADORES FJP

VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Belo Horizonte, 25 de março de 2019

A VITIMIZAÇÃO POR VIOLÊNCIA E ASSÉDIO SEXUAL – OS DADOS DISPONÍVEIS¹

As pesquisas de vitimização produzem dados sobre a *percepção* de vitimização pelas diversas violências sofridas pelas mulheres.



Entre as mulheres entrevistadas, 27% afirmaram ter sofrido algum tipo de violência ou agressão no último ano, no Brasil.

¹ Fonte: Pesquisa do FBSP/Datafolha. *Visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil. 2ª edição, 2019.*

Segundo a pesquisa, 52% das vítimas não fez nada frente à vitimização sofrida, dado que pode indicar a magnitude da subnotificação da violência contra as mulheres no Brasil. Os dados apontam ainda que as mulheres mais pobres relatam uma maior procura pelos órgãos oficiais quando são vítimas de violência.

As pesquisas de vitimização também são fundamentais para informar sobre os tipos de violência sofridas, o perfil das vítimas e as atitudes que tomaram frente aos episódios de violência, entre outras. As violências e agressões relatadas incluem:



22%

Ofensas verbais



23%

Ameaça de agressão, incluindo casos com faca ou arma de fogo, e de amedrontamento e perseguição

Mulheres jovens e negras declaram maior nível de vitimização
Em geral, essas violências são cometidas por um agressor conhecido ou companheiro, o que representa 77% dos casos reportados.
42% da violência mais grave reportada ocorreu em casa.



17%

Agressões físicas [bater, empurrar, chutar, jogar objetos, espancar, tentar estrangular]



2%

Esfaqueamento ou tiro

Há uma percepção de assédio maior entre mulheres com ensino superior. Se considerarmos o nível de escolaridade como indicador de classe social, podemos dizer que quanto mais pobres, maior a probabilidade das mulheres reportarem vitimização por violência em casa; as mulheres mais ricas relatam sofrer maior vitimização na rua.

Feminicídio

Dentre os tipos de violência contra a mulher, destaca-se o feminicídio, que costuma ser definido como um homicídio “praticado contra pessoa do sexo feminino em situação de violência doméstica”. No entanto, essa definição é restrita; o feminicídio abarca outras situações que envolvem desprezo pelo sexo feminino, como, por exemplo, assassinatos de mulheres pertencentes ao público LGBT, entre outros.

Como se trata de uma legislação muito recente, é necessário tempo para que as instituições do sistema de justiça e demais organizações pertinentes se apropriem do novo instituto e se adequem à nova realidade, tornando-se capazes de efetivamente processar todos ou a maior parte dos eventos de feminicídio. Isso significa que, embora já seja possível contabilizar e divulgar registros de feminicídio, eles ainda não retratam a magnitude do fenômeno real.

Homicídios de mulheres e feminicídios registrados em 2018:

4.254 homicídios dolosos de mulheres

1.173 feminicídios

Fonte: Monitor da Violência – G1 / FBSP / USP

Estima-se que haja muito mais casos de feminicídio do que aqueles que as instituições são capazes de contar até o momento. Na verdade, estima-se que cerca de 83% dos homicídios de mulheres sejam feminicídios.

Se todos os dias, cerca de 13 brasileiras perdem a vida de forma violenta, dessas mortes, 10 seriam feminicídios.

Os dados coletados pelo Monitor da Violência indicam que houve uma redução de 6,7% em relação ao número de homicídios de mulheres de 2017 (4539). Contabilizou-se também um aumento de 12% nos registros de feminicídio. Podemos verificar o aumento dos registros de feminicídios na série histórica que se inicia em 2015 (tabelas abaixo), quando eles passaram a ser contabilizados, o que aponta, sobretudo, para o progressivo aumento da capacidade operacional do sistema de justiça criminal e da segurança pública de contabilizar e processar adequadamente esses crimes.

Tabela 1: Registros de homicídios e feminicídios pelo Sistema de Justiça Criminal / Segurança Pública, Brasil e Minas Gerais, 2015-2017

	Ano / local	Mortes violentas intencionais (população em geral)	Homicídios de Mulheres	Variação com relação ao ano anterior	Feminicídios (registros)	Variação com relação ao ano anterior	Feminicídios (ocorridos - estimativa*)
Brasil	2015	58467	4793	nd	449	nd	3978
	2016	61.597	4.245	-3,90%	929	38%	3523
	2017	63.895	4.539	6,10%	1.133	21%	3767
Minas Gerais	2015	4360	590	nd	nd	nd	490
	2016	4370	353	-16,30%	134	nd	293
	2017	4134	344	-3,10%	145	7,60%	286

Fonte: EGEDI/NESP/FJP (estimativas dos feminicídios) e Anuário FBP 2018 e 2017 (demais dados).

* 2017: último ano disponível

* nd = dado não disponível

Os dados abaixo retratam o incremento, ano a ano, do número de casos de feminicídios julgados em Minas Gerais.

Tabela 2: Casos de feminicídio em tramitação na Justiça de Minas Gerais, 2015 a 2018.

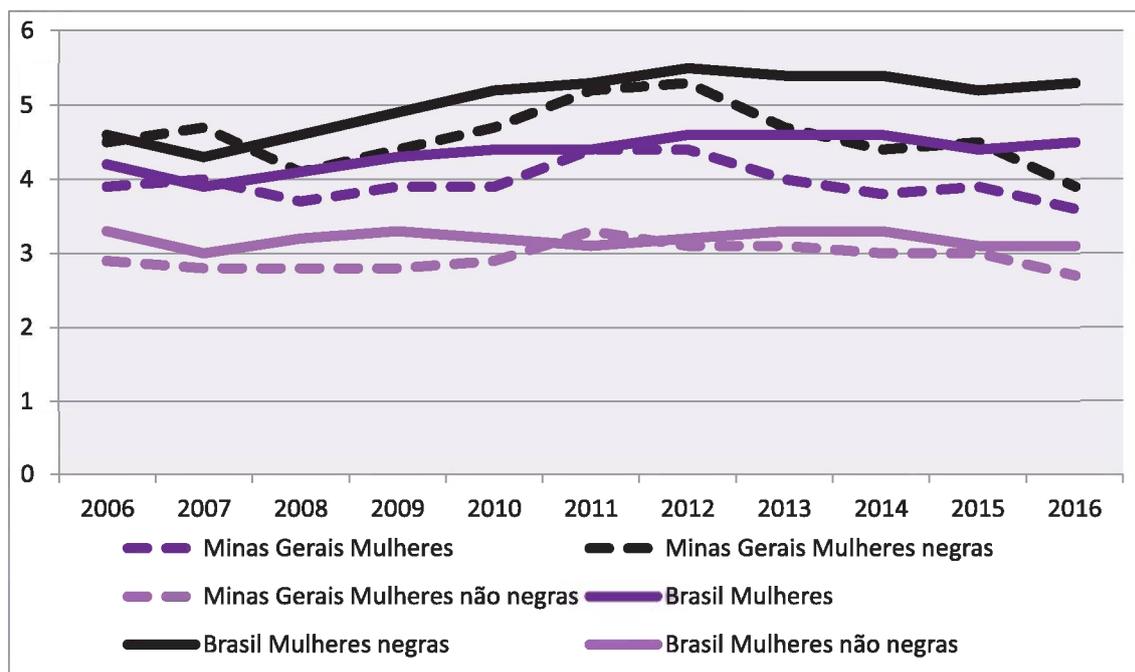
Ano	Ações penais julgadas	Réus condenados por feminicídio	Réus com outras condenações
2015	28	14 (0,52)	13 (0,48)
2016	26	17 (0,54)	14 (0,46)
2017	45	29 (0,65)	16 (0,35)
2018	48*	21 (0,44)	27 (0,56)

Fonte: EM, com base nos dados do TJ/MG.

Se em 2018, houve um maior número de julgamentos, 2017 é o ano com o maior número de condenações por feminicídio. Contudo, o número de ações julgadas representa, ainda, somente 20% do estoque de processos em tramitação em Minas Gerais. Por isso, para falar da violência letal contra as mulheres, o principal indicador continua sendo o de homicídios de mulheres.

O homicídio de mulheres apresenta-se estabilizado em Minas Gerais, na última década. Em 2006, a taxa de homicídios era de 3,9 mortes para cada 100 mil mulheres. Dez anos depois, essa taxa apresentou uma leve, mas significativa redução, de 9%, chegando a 3,6 (2016). Se consideramos os grupos de raça/cor, encontramos uma redução um pouco maior para as mulheres negras, em Minas Gerais, de 12,2%. Em 2006, a taxa era de 4,5 homicídios para cada 100 mil mulheres negras, e chegou a 3,9 em 2016. Embora a taxa continue maior do que a encontrada para as mulheres não negras (2,7), ela diverge do incremento de mais de 15% nas taxas de homicídios de mulheres negras no Brasil como um todo observado entre 2006 e 2016 (de 4,6 para 5,3).

Taxa de homicídios de mulheres no Brasil e em Minas Gerais (2006-2016)



Fonte: Atlas da Violência, 2018.

Expediente

Presidente

Helger Marra Lopes

Vice Presidente

Mônica Moreira Esteves Bernardi

Equipe técnica - Grupo de Pesquisa Estado, Gênero e Diversidade e Núcleo de Estudos em Segurança Pública

Ana Paula Salej (coordenação)
Cláudia Beatriz M. Monteiro de Lima Nicácio
Karina Rabelo Leite Marinho
Leticia Godinho de Souza (redação)
Maria José Nogueira
Marina Alves Amorim
Nícia Raies Moreira de Souza
Renata de Souza Seidl
Rosânia Rodrigues de Sousa

Assessoria de Comunicação Social (ACS)

Olivia Bittencourt (assessora-chefe)
Bárbara Andrade Corrêa da Silva
Heitor Vasconcelos Corrêa Dias (revisão)

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Telefone: (31) 3448-9580

e-mail: comunicacao@fjp.mg.gov.br

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO

Alameda das Acácias, 70 - Bairro São Luiz/Pampulha
CEP: 31275-150 - Belo Horizonte - Minas Gerais



<http://fjpdados.fjp.mg.gov.br>

/fundacaojoaopinheiro

/fjpficial

/_fjp_